

ATAQUE EM BRASÍLIA

Supremo e Congresso restringirão acesso

Medidas fazem parte do reforço na segurança, intensificadas depois que imagens do extremista circulando pelas sedes do Judiciário e do Legislativo vieram à tona

» EDUARDA ESPOSITO

Depois da explosão das bombas próximo ao Supremo Tribunal Federal, a Corte e o Congresso estudam medidas para restringir o acesso de pessoas que não sejam ministros, parlamentares ou integrantes do quadro de funcionários do Judiciário e do Legislativo. Apesar de seguirem protocolos severos desde as invasões dos bolsonaristas em 8 de janeiro de 2023, essa segurança será ainda mais reforçada.

Isso porque imagens de Francisco Wanderley Luiz, autor do atentado contra o STF, na quarta-feira passada, mostram que ele

teve acesso tanto à Corte quanto ao Congresso. Em uma delas, de 24 de agosto passado, o extremista tirou uma selfie no plenário do Supremo, cuja publicação em rede social foi acompanhada de uma mensagem ameaçadora — “Deixaram a raposa entrar no galinheiro (chiqueiro)”, postou. Em outra, o bolsonarista é flagrado entrando na Câmara horas antes de ter explodido os petardos perto do Supremo.

Além disso, depois do atentado, descobriu-se que Francisco esteve na Câmara dos Deputados, no ano passado. Visitou o gabinete do deputado Jorge Goetten (Republicanos-SC), a quem conhecia da política no município de Rio

do Sul (SC) — onde o extremista tentou eleger-se vereador, em 2020, mas obteve apenas 98 votos.

A sede da Corte seguirá cerca de com grades e as visitas públicas permanecem suspensas — as medidas não devem ser flexibilizadas este ano, mas há a possibilidade de que os protocolos sejam reavaliados nos próximos meses. As sessões de julgamentos estão mantidas no Supremo, mas com acesso restrito a advogados das partes e a jornalistas credenciados. Todos serão submetidos a um esquema de segurança rigoroso.

No caso do Congresso, a restrição deve começar pela chapearia, considerada vulnerável

devido à livre circulação de pessoas. O acesso irrestrito e as visitas guiadas devem ser suspensas por tempo indeterminado. Porém, enquanto o maior rigor não é adotado, foi aumentado o efetivo de seguranças e haverá reduções em intervalos menores com cães farejadores.

No prosseguimento das investigações, a Polícia Federal ouviu, ontem, quatro testemunhas do atentado: dois seguranças do STF, um policial militar que fazia a ronda no estacionamento do anexo 4 da Câmara e a pessoa que alugou para Francisco um trailer, que estava parado perto do Congresso e no qual foram encontrados mais explosivos.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Os gradis em torno do Supremo devem permanecer por muito tempo. Corte tornará ainda mais rigoroso o acesso de pessoas de fora dos seus quadros

Admiração a Bolsonaro levou à política

Francisco Wanderley Luiz filiou-se ao PL para ser candidato em Rio do Sul (SC), em 2020, por causa do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). A afirmação é de Eduardo Marzall, à época presidente municipal do partido.

“Ele queria entrar na política para fazer alguma coisa diferente. Claro que tinha um apreço muito grande pelo Bolsonaro. Ele sempre falava que o Judiciário, no geral, era uma coisa que o incomodava muito”, lembra.

Marzall tem 55 anos, ocupa a função de vogal na sigla e relata conhecer Francisco há pelo

menos 40 anos. “Ele era um homem equilibrado e correto”, assegura. A notícia do atentado o chocou e a todos os 72.587 habitantes de Rio do Sul. “Ficamos assustados. Ele era um cara pacato de uma cidade do interior. A cidade está estarelecida”, afirma.

Boa parte do interesse de Francisco pela política, recorda Marzall, vem da admiração que tinha por Bolsonaro. “Ele era mais bolsonarista do que outra coisa”, frisa.

Porém, o contato entre eles esfriou com o tempo. A última

recordação que Marzall diz ter de Francisco é de 2022. Conforme lembra, o autor das explosões na frente do STF defendia, por exemplo, a pauta do voto impresso, impulsionada por Bolsonaro. Ele também acredita que o extremista agiu por conta própria.

O filho de Francisco, Chairon, votou em Bolsonaro para presidente no segundo turno, em 2022, e postou foto registrando em quem votara no perfil que mantém nas redes sociais. Por isso, cometeu crime eleitoral e foi multado em R\$ 606.

O irmão do extremista,

Valdir Rogério, notou que ele passou por um processo de radicalização e que o ataque ao STF teve motivação política. “O gatilho começou dois anos atrás, na polarização. As pessoas deixam se levar. Francisco tinha uma causa, deixou escrito. Existe uma motivação que acaba influenciando as pessoas. A polarização é um exemplo”, apontou.

Horas antes do atentado, Francisco publicou mensagens com ataques aos Três Poderes, repletas de teorias conspiratórias de extrema-direita.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Trump joga Lula nos braços de Xi Jinping

Quem quiser que se iluda. A eleição de Donald Trump empurra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para uma maior aproximação com a China de Xi Jinping, que está de braços abertos para o colega brasileiro. Não é preciso dar um cavalo de pau na política externa brasileira para isso — quem dará são os Estados Unidos. E, também, não se trata de uma opção ideológica do governo brasileiro, mas de uma decorrência natural e pragmática das relações comerciais entre esses três países e do lugar que o Brasil ocupa na geopolítica mundial, em especial na América Latina, após as eleições norte-americanas.

Esse reposicionamento deve ficar evidente na reunião do G20, o grupo dos países mais ricos do mundo, do qual o Brasil faz parte. A eleição de Trump frustra os avanços previstos para o encontro, como a assinatura dos acordos para o combate à fome no mundo e o debate sobre a taxaço dos muito ricos. Essas propostas foram pactuadas entre Lula e o presidente Joe Biden, que chega ao encontro como “pato manco”, enquanto Xi Jinping se torna a principal estrela da reunião no Rio de Janeiro, que começa amanhã.

Há, sim, um esvaziamento do encontro de cúpula. Reflete o enfraquecimento do grupo em razão da política de Trump, um adversário do multilateralismo. O presidente eleito dos Estados Unidos tem uma estratégia nacionalista e protecionista. Não acredita na necessidade de uma governança global nem que a gestão dos problemas mundiais, entre os quais os da paz e da guerra e do aquecimento global, possa ser feita por fóruns e organismos internacionais, o que inclui a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a Conferência do Clima de 2025, a COP30, que se realizará em Belém.

Mesmo assim, a Cúpula de Líderes das 20 maiores economias do mundo, da qual o presidente russo Vladimir Putin não participará, não será um encontro trivial. Deve registrar a reação dos líderes das maiores economias do mundo ao novo governo em formação nos EUA. Continuará sendo um espaço privilegiado de intervenção diplomática do Brasil, que assumirá a presidência do grupo, no contexto da geopolítica global.

Giro à direita

Embora tenha aliados participando do encontro, como o presidente da Argentina, Javier Milei, e a primeira-ministra italiana Giorgia Meloni — lideranças que se identificam ideologicamente com Trump —, a reunião será uma demonstração de que o mundo também se move em relação aos EUA. Trump é um duplo problema para as democracias do Ocidente: além de alterar a política externa norte-americana, sua eleição estimula a radicalização política e fortalece a extrema-direita no mundo.

O que aconteceu nos EUA pode se repetir com a democracia representativa em outros países desenvolvidos. Sempre visto como progressista, apoiado pela classe média alta com diploma universitário, o Partido Democrático passou a ser percebido como da elite, desconectado dos reais problemas da população. Já o Partido Republicano, por influência de Trump, deixou os valores conservadores de lado e passou a defender interesses concretos dos menos favorecidos, sem educação superior, moradores das áreas rurais, religiosos (pentecostais) e homens. A classe média trabalhadora dos EUA, que derivou à direita, desequilibrou a disputa.

Salários defasados diante dos preços da habitação, da energia e dos alimentos, e o número crescente de imigrantes, inclusive os ilegais, concorrendo no mercado de trabalho com o americano médio, foram fatores que geraram a insatisfação com o governo Biden. Apesar do crescimento da economia e do controle da inflação, cuja percepção não chegou à maioria dos eleitores.

Imigração, protecionismo e supremacismo branco não são uma agenda exclusiva dos norte-americanos. Existe nos países desenvolvidos da Europa e coloca no canto da parede a maioria dos seus líderes. Além dos problemas internos, um grande desafio geopolítico os aguarda: Trump deve reduzir ou suspender o financiamento para a Ucrânia e fortalecer a posição de Putin, que quer congelar a ocupação territorial de Donbas e da Crimeia. Os líderes europeus estão divididos sobre manter o apoio incondicional ao esforço de defesa ucraniano.

Rota da Seda

Biden pretende visitar a Amazônia nesta viagem ao Brasil, mas ignorou a América Latina a maior parte do seu mandato, ao contrário de Xi Jinping, que acaba de inaugurar um grande porto nas proximidades de Lima, no Peru. O terminal gigante é capaz de alterar a logística de transporte da América do Sul, porque será uma nova opção para as exportações brasileiras chegarem ao Pacífico sem passar pelo Canal do Panamá.

Brasil e China ampliarão a parceria bilateral existente durante a visita de Estado de Xi Jinping a Brasília, na quarta-feira, após a reunião do G20. O líder chinês será recebido por Lula no Palácio da Alvorada. Diversos acordos bilaterais serão assinados, envolvendo todos os setores do governo. Dos 93 projetos industriais chineses no Brasil, destacam-se os das indústrias automotiva, eletroeletrônica e de máquinas e equipamentos.

Em 2023, o Brasil teve um recorde de exportações para a China, de US\$ 104,3 bilhões, superando a soma das vendas para os EUA e a União Europeia. Enquanto Trump pretende estreitar as relações econômicas com a Argentina, Xi Jinping vê no Brasil a sua grande oportunidade de integrar a América do Sul à Rota da Seda, com grandes investimentos em infraestrutura.

MATEUS SOLANO EM

13, 14 E 15 DE DEZEMBRO
TEATRO ROYAL TULIP

12 SEX21H SAB20H DOM19H30

DIREÇÃO
MIGUEL THIRÉ

DRAMATURGIA
ISABEL TEIXEIRA
MATEUS SOLANO
MIGUEL THIRÉ

FIGURANTE